

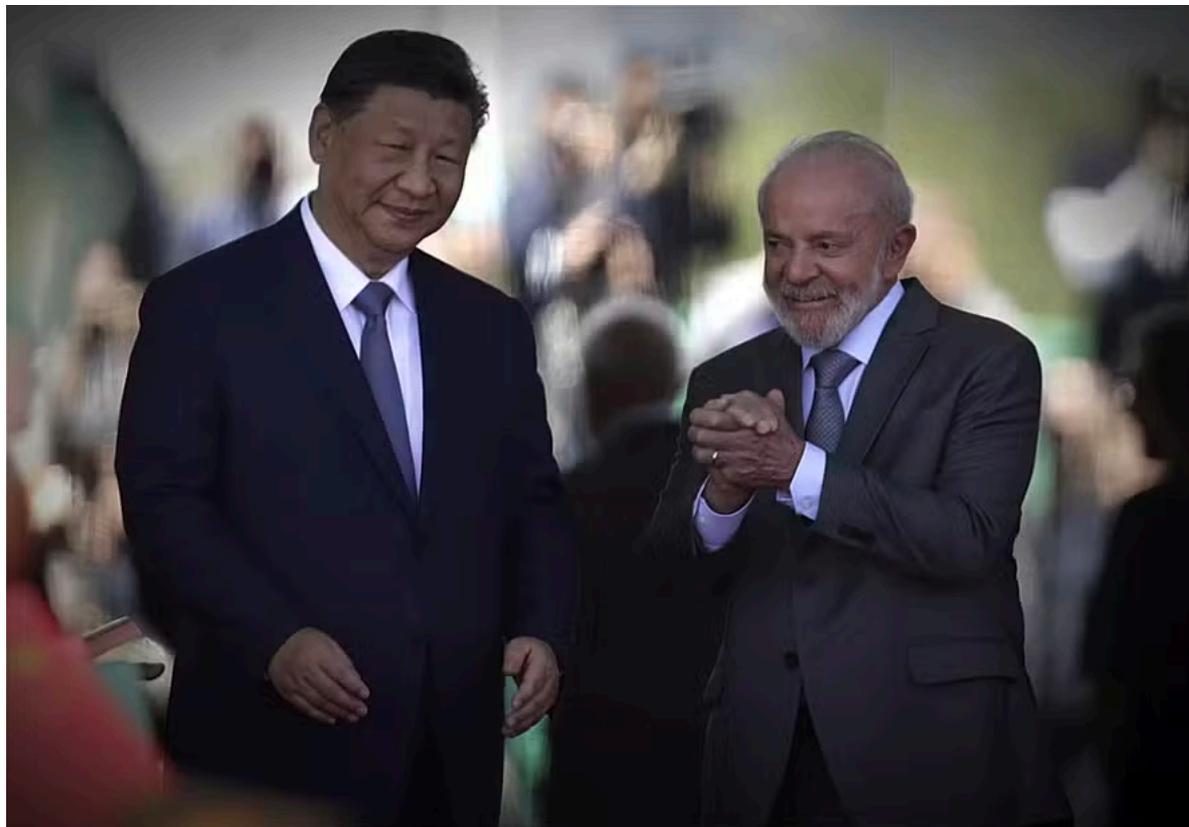
Trump aproxima o Brasil da China

Nova equipe presidencial americana tem personalidades que sugerem dois caminhos para lidar com a China: o pragmático e o ideológico

Por **Marcelo Ninio** — Pequim

21/01/2025 04h30 Atualizado agora

Presentear matéria



O presidente Lula recebe o líder chinês, Xi Jinping, em Brasília — Foto: Cristiano Mariz/Agência O Globo

RESUMO

Sem tempo? Ferramenta de IA resume para você

[CLIQUE E LEIA AQUI O RESUMO](#) ▼

Quando **Donald Trump** foi eleito presidente pela primeira vez, em 2016, uma alta figura do Ministério do Comércio chinês convidou para uma conversa o então embaixador do Brasil em Pequim, Marcos Caramuru. Foi um acontecimento incomum: ao contrário do que ocorre no Brasil, onde o

embaixador da **China** circula com facilidade pelos três Poderes, em Pequim raramente um diplomata estrangeiro obtém acesso ao escalão superior.

Veja medidas: Trump promove 'decretação' mirando em imigração, diversidade, Acordo de Paris e OMS em 1º ato após a posse

Trump 2.0: Republicano presta juramento e é empossado como 47º presidente dos EUA

Situações excepcionais exigem atitudes atípicas. Diante de um presidente americano errático e imprevisível, o governo chinês estava atônito e buscou a opinião de profissionais como o embaixador brasileiro, por sua longa experiência na diplomacia e nos negócios. O clima em Pequim era de “perplexidade geral”, lembra Caramuru, que viveu 16 anos na Ásia, 12 deles na China, e mantém um olhar apurado sobre o país — hoje como consultor.

MAIS SOBRE CHINA >



Trump diz que 'EUA não vão sabotar sua própria indústria, enquanto a China continua poluindo'



Como sobreviver a Trump e big techs

A nova equipe presidencial americana tem personalidades que sugerem dois caminhos para lidar com a China: o pragmático e o ideológico. O primeiro é personificado por Elon Musk, o homem mais rico do planeta. Musk deve boa parte de sua fortuna à China, onde está metade da produção e um terço das vendas de seu produto mais famoso, o carro elétrico da Tesla. Já a vertente ideológica é encabeçada pelo **secretário de Estado, Marco Rubio**, que vê na China “o adversário mais perigoso” que os EUA já enfrentaram.

Não significa que uma das linhas vire o enredo principal do show de Trump. É provável que o presidente use ambas como cartas de negociação. Para Trump, o que importa não é a estabilidade do mundo, mas o aumento do poder americano. O que torna o momento particularmente inconstante é que as duas maiores economias do mundo vivem um “processo de incerteza”, observa Caramuru, por motivos opostos: os EUA, por terem uma nova estratégia; a China, por tentar “mais do mesmo” para retomar seu vigor. Nos dois casos, “pode dar certo ou não”, diz o embaixador.

Entre o medo e a união: Líderes internacionais reagem ao retorno de Trump à Casa Branca

Além de Rubio, um outro falcão de origem cubana conhecido pela postura hostil à China deve amolar o Brasil e outros governos da região próximos de Pequim. Nomeado enviado especial para a América Latina, Mauricio Claver-Carone tem a missão de “restaurar a ordem” na região, conforme determinação de Trump. Sem canal de diálogo com o governo americano, a alternativa do Brasil é aproximar-se ainda mais da China, prevê Caramuru. Se a intenção declarada do Itamaraty é manter uma relação de equilíbrio com Washington e Pequim, faltou um aceno estratégico a Trump.

Em Pequim, hoje não há a perplexidade de 2016. Mas a segunda temporada de Trump na Casa Branca não deixa de causar apreensão. Além de continuar imprevisível, o presidente volta à cena mais poderoso e determinado a deixar sua marca. A ansiedade é amplificada pelos sinais trocados emitidos pelo novo governo.

Deportação em massa nos EUA: Quais imigrantes estão na mira de Trump?

Por um lado, há o choque inevitável com a China pressentido por Rubio. Mas há quem ressalte um outro lado: o foco de Trump é em negócios, não em compromissos ideológicos, o que torna menos provável um confronto destrutivo. Essa é a aposta de Yan Xuetong, um dos mais influentes especialistas em política externa da China. Afinal, Trump jamais demonstrou apreço pelos

princípios da democracia, pelo contrário: seu impulso geralmente é o de atentar contra eles, e reverenciar líderes autocratas.